



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Faculdade de Letras

Departamento de Letras Neolatinas

Graduação em Letras - Literaturas

Lorrany Roberta Duarte Gomes

**A DESCARACTERIZAÇÃO DE ELEMENTOS SAGRADOS PARA A CONSTRUÇÃO  
DO TERROR EM “O MENINO SUJO” DE MARIANA ENRIQUEZ**

Trabalho de Conclusão de Curso

Rio de Janeiro

2023

Lorrany Roberta Duarte Gomes

**A DESCARACTERIZAÇÃO DE ELEMENTOS SAGRADOS PARA A CONSTRUÇÃO  
DO TERROR EM “O MENINO SUJO” DE MARIANA ENRIQUEZ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação à Faculdade de Letras da UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Letras - Português/Literatura.

Orientador: Rafael Eduardo Gutierrez Giraldo

Rio de Janeiro

2023

## **Agradecimentos**

Agradeço primeiro a Deus, porque sem Ele eu não estaria aqui. Mesmo com os desafios de passar por uma pandemia, ter o meu pai internado duas vezes em diferentes momentos da minha graduação e viver a aventura de estudar e trabalhar ao mesmo tempo, até aqui Ele me ajudou.

Sou muitíssimo grata ao meu namorado, Felipe Rodrigues, o meu maior incentivador diante das várias diversidades que enfrentei na faculdade. Começamos a namorar quando eu ainda estava no segundo período, portanto, ele acompanhou todo o trajeto. Obrigada por nunca me deixar desistir, fe.

Agradeço aos meus companheiros de faculdade: Jamile Barbosa, Eduarda Amaral, Wanessa Rastoldo, Daniela Domingos, Ana Luíza, Thalita Nascimento e Paulo Eduardo (sendo esses três últimos ex-alunos). Vocês estiveram comigo para o café no nosso amado e extinto Café Literário, para muitas risadas e surtos com seminários sobre Proust e Língua Portuguesa. Sem vocês, a caminhada teria tido menos brilho. Muito obrigada!

Minhas irmãs Lidia e Thamiris por todo carinho, colo e amizade de sempre.

Mesmo sem entender, a companhia do Jorge, meu cachorrinho, foi crucial em diversos momentos.

Agradeço também ao meu orientador, Rafael Gutiérrez. Obrigada por me apresentar Mariana Enriquez e por toda paciência durante o processo de escrita desse trabalho.

Aos meus professores que, em geral, sempre estiverem dispostos a me ajudar, foram compreensivos em momentos de dificuldade e me ensinaram tanto. Sou muito grata por todos os professores que passaram por mim durante a graduação e todo aprendizado eu sei que levarei por toda vida.

Por fim, agradeço aos meus pais, por todo o esforço de sempre. Independente de qualquer coisa, sei que são as pessoas que eu mais posso contar no mundo. Agradeço por isso.

“Estranhamente, o horror é o que mais se aproxima da nossa realidade” - Mariana Enriquez

## Resumo

### Resumo:

Esse trabalho propõe analisar, sobre a ótica do conto *O menino sujo*, que faz parte da obra *As coisas que perdemos no fogo* (2016), de Mariana Enriquez, as características de terror usadas pela autora. Dessa forma, será analisado como Enriquez corrompeu certos elementos considerados sagrados pela sociedade moderna ocidental para a criação de uma atmosfera de horror dentro dessa narrativa. Esses elementos são: a religião, a infância e a maternidade. Para isso, contamos com o suporte teórico de autores como H.P Lovecraft, Lucas Laurentino, Jeanne Marie Gagnebin, Jean Jacques Rousseau, Fernando Monteiro de Barros; Júlio França; Luciana Colucci (Orgs.) e Mariana Sbaraini Cordeiro.

**Palavras-chave:** Horror. Insólito. Sagrado. Medo.

### Resumén:

Este trabajo se propone analizar, desde la perspectiva del cuento *El niño sucio*, que forma parte de la obra *Las cosas que perdimos en el fuego* (2016), de Mariana Enríquez, las características del terror utilizadas por la autora. De esta manera, se analizará cómo Enríquez corrompió ciertos elementos considerados sagrados por la sociedad occidental moderna para crear una atmósfera de horror dentro de esta narrativa. Estos elementos son: la religión, la infancia y la maternidad. Para ello, nos apoyamos en el apoyo teórico de autores y académicos como H.P Lovecraft, Lucas Laurentino, Jeanne Marie Gagnebin, Jean Jacques Rousseau, Fernando Monteiro de Barros; Júlio França; Luciana Colucci (Orgs.) e Mariana Sbaraini Cordeiro.

**Palavras-clave:** Horror. Inusual. Sagrado. Miedo

## Sumário

1	<b>Introdução</b> . . . . .	6
2	<b>Sobre a autora:</b> . . . . .	8
3	<b>O menino sujo:</b> . . . . .	9
4	<b>Formas de fazer terror: O concreto <i>versus</i> o abstrato</b> . . . . .	11
4.1	<b>A religião como artifício do terror</b> . . . . .	13
5	<b>Crianças como artifício do terror</b> . . . . .	17
6	<b>A maternidade como artifício o terror</b> . . . . .	20
7	<b>Conclusões finais</b> . . . . .	23
	<b>Referências</b> . . . . .	25

## 1 Introdução

Dentre os doze contos que fazem parte da obra de Mariana Enriquez, *As coisas que perdemos no fogo* (2016), chama a atenção como sua escrita converge entre o insólito e o concreto, o sobrenatural e os dilemas enfrentados por personagens latino-americanos, sendo alguns deles: a violência urbana, o feminicídio, o infanticídio, a dependência em drogas, a situação de rua e o desamparo governamental. Assim, Mariana transforma a realidade em algo macabro, usando também de elementos do imaginário, para que, no fim, o leitor perceba que a realidade pode ser muito mais assustadora do que o sobrenatural.

Dentre as histórias do livro, o conto a ser trabalhado será *O Menino Sujo* (*El chico sucio*), narrativa que abre a coletânea e nos apresenta um ambiente tenso e hostil, que é o bairro de *Constitución*, onde se passa a história. Ali, a personagem narradora enfrenta a realidade de morar em um bairro ignorado pelo governo e suas consequências. Além de toda a descrição do que acontece no local, o conto nos apresenta santos pagãos, originários de diferentes países latino-americanos e com eles começa a construir o mistério da história a partir do desconhecido, que é, de acordo com H.P Lovecraft em *O horror sobrenatural na Literatura* (2020), da onde vem a origem do medo. Assim, durante todo o conto, Mariana escreve sobre problemas reais e os relaciona com o desconhecido.

Dessa maneira, portanto, no conto *O Menino Sujo*, a autora faz uma jogada de inversões de valores entre elementos considerados sagrados para a cultura ocidental, usando-os para construir o *horror* do conto. Afinal, quando aquilo que conhecemos aparece de forma contrária aos nossos ideais, o efeito que isso causa é, ao menos, o estranhamento. Quando esses elementos são combinados com características da literatura gótica e do *gore*, o leitor termina o conto aterrorizado e incomodado. Os elementos deturpados são, primeiramente, a própria infância, pois diferente do que estamos acostumados, o menino sujo não é uma criança contente ou uma criança que representa esperança e felicidade, aqui a criança é um menino em situação de rua, vivendo à margem da sociedade, filho de uma mãe adolescente dependente de drogas. O menino sujo é apenas um reflexo da infância de *Constitución*, porém, a principal cena grotesca e aterrorizante desse conto, foca em uma outra criança: Ignácio ou “Nachito”, uma criança vítima de um crime horrendo, sendo relacionado à um ritual satânico, dessa forma, o infanticídio converge com a possibilidade do agir de seres sobrenaturais e seus devotos.

Outro elemento que Mariana deturpa ao escrever *O Menino Sujo*, é a religião. A autora escreve sobre rituais e apresenta aos leitores duas entidades centrais: Gauchito Gil e São Morte, tratando do tema de intolerância religiosa e os relaciona com o sobrenatural que é o misticismo causado pela religião. Além da morte de Nachito, que torna recorrente entre os personagens do conto a ideia de que o menino pode ter sido vítima de um ritual satânico, a autora deturpa o sagrado, trazendo o que é o contrário de cultos à santos, o que a cultura popular entende como satanismo ou rituais satânicos.

Por fim, a autora contrasta também a imagem da mãe, que desde o século XX, prin-

principalmente, é relacionada a vocábulos sagrados como a devoção, a submissão e até mesmo a santidade. A imagem da mãe foi construída ao longo do tempo e, mesmo que hoje exista uma quebra nesse ideal, como Mariana Sbaraini Cordeiro escreve no artigo Mãe — A invenção da História, a maternidade ainda se relaciona ao ideal de feminino: “Mesmo com todas as conquistas femininas, a maternidade ainda pode ser considerada, por muitas, como o auge na sua “carreira” de fêmea”(CORDEIRO, 2013, p.3) . Assim, Mariana Enriquez descreve em *O Menino Sujo*, uma mãe que é totalmente o oposto do que a sociedade contemporânea ocidental entende como ideal do materno. Além disso, relaciona problemas concretos como a dependência em drogas, o abandono e a situação de rua com o insólito, o ritual satânico e outra maldade que a jovem mãe poderia ter feito aos seus filhos.

Dessa forma, Mariana escreve um conto permeado por distorções de elementos considerados sagrados pela sociedade ocidental e traz a pior face de cada um deles, além disso, mistura elementos sobrenaturais com os problemas concretos do dia a dia urbano, usando ambos para fazer o *horror* do conto acontecer e terminarmos de ler o conto, assim como a personagem narradora termina na história, perturbados e insanos.



## 2 Sobre a autora:

Mariana Enriquez é escritora e jornalista, nascida em 1973, cresceu no subúrbio de Buenos Aires e cursou Comunicação Social na *Universidad Nacional de La Plata*. Começou sua carreira como escritora quando publicou seu primeiro livro aos 21 anos, em 1994, chamado *Bajar es lo peor*. Hoje, além do livro citado anteriormente, Mariana também publicou *As coisas que perdemos no fogo* (2016) e o romance *Nossa parte da noite* (2017). Com seu último romance (*Nossa parte da noite*) ganhou, na Espanha, o Prêmio *Heralde* de Novela e o *Premio de la Crítica* em 2019. Entre suas outras publicações, há também um livro infanto-juvenil e diversas crônicas.

A infância da autora foi marcada pela ditadura militar (1976-1983), portanto, Mariana Enriquez cresceu em meio a um governo fortemente autoritário. Ao ouvir relatos de torturas, prisões e assassinatos, teria descoberto o verdadeiro *horror* e, assim, mais tarde, mesclaria esses relatos aos elementos sobrenaturais que percorrem suas narrativas. *As coisas que perdemos no fogo* (2016) é um livro que contém doze contos escritos pela autora, incluindo *O menino sujo*, que será objeto de análise nesta pesquisa e todas as histórias mesclam o insólito e o sobrenatural com os terrores urbanos da vida real.

Enriquez também tem como influência Jorge Luis Borges e Silvina Ocampo, sendo, inclusive, autora de uma das biografias de Silvina, *La Hermana Menor. Un Retrato de Silvina Ocampo* (2014). Hoje, Mariana é considerada uma das principais vozes da literatura hispano-americana vinculada ao *horror*, ao insólito e ao gótico. Enriquez classifica sua escrita no gênero “Realismo horror”, onde mescla elementos do realismo mágico, como o insólito e o sobrenatural com os problemas sociais encarados pelo cotidiano latino-americano, como a violência urbana, o feminicídio, o infanticídio, questões psicológicas e opressões governamentais.

### 3 O menino sujo:

No conto de Mariana Enriquez, uma jovem decide se mudar, contra a vontade da família, para a antiga casa de seus avós, localizada no bairro de Constituição, no subúrbio de Buenos Aires. O problema, para a família da narradora, é a falta de amparo governamental para com o bairro, causando diversos problemas sociais, dentre eles: a violência - furtos, assaltos, brigas - e a situação de rua em que alguns moradores do bairro se encontram. A escolha de morar em um bairro com uma realidade social tão distante da realidade da família da jovem, causa estranhamento, pois ela tem uma condição financeira aceitável, tem um bom emprego e isso contrasta com a realidade do bairro. Através da janela de sua casa, a narradora conseguia avistar pessoas em situação de rua e o medo dos outros moradores, como se a mesma estivesse em uma espécie de exposição, apenas observando quadros, não fazendo parte do cenário.

Dentre essas paisagens, está o menino sujo, que dá nome ao conto. A criança aparece em uma das primeiras páginas da história. A narradora descreve a reação das pessoas ao ter contato com o menino sujo como pena e asco. O pequeno rapaz está sempre sujo, tem a voz rouca, está geralmente resfriado e fuma com outros meninos, mesmo com a pouca idade. Tem em média cinco anos, não vai à escola, oferece santinhos aos passageiros no metrô em troca de dinheiro e passa a noite em colchões na rua com sua mãe, uma jovem grávida viciada em substâncias químicas. Em uma noite, o menino, que parecia chorando, bate à porta da narradora, pois se encontra sozinho e, possivelmente, com medo. Assim, a narradora lhe dá algo para comer e o leva para tomar sorvete.

O menino não tem características da infância. A representação da criança na literatura é, em geral, de um ser falante, alegre e que costuma ter uma visão positiva do mundo. No conto de Enriquez, porém, o menino não é visto como uma criança e, talvez, sequer é vista como um ser vivo: "... às vezes fico olhando a rua, sobretudo a esquina onde dormem o menino sujo e sua mãe, totalmente quietos, como mortos sem nome." (ENRIQUEZ, 2016, p. 18), diz a narradora. A impessoalidade de ambos os personagens, em que o menino sujo também não parece se importar com a mulher, paira sobre um ambiente sombrio e quente.

Durante o caminho para a sorveteria, a narradora e o menino conversam sobre os santos Gauchito Gil e São Morte. Gauchito Gil é um santo predominante na Argentina, porém, não é um santo oficializado pela Igreja Católica. É considerado um "curador", pois foi degolado em sua morte e ainda assim, diz a lenda, que pôde, de forma divina, curar o filho de seu próprio assassino. Por outro lado, São Morte é um santo marginalizado no conto, por sua aparência sombria e, apesar de ser bastante citado no enredo, sua história não é contada para os leitores, diferentemente de Gauchito Gil, que tem sua história explicada em algumas linhas do conto. Tudo o que é apresentado no conto sobre São Morte é o estranhamento do menino para com o santo e que esse, diferente de Gauchito Gil, é considerado menos "amável" e, por isso, tem seus altares do outro lado da estação, que o menino chama de "lá atrás".

Ao retornarem da sorveteria, a mãe do menino sujo estava novamente deitada no colchão

próximo a casa da narradora. Por conta da narradora estar com seu filho, a mãe do menino sujo briga com ela que, com medo, retorna a sua casa e se frustra, pois esperava alguma reação do menino. No dia seguinte, a mãe e o menino não estão mais lá.

Na semana seguinte, uma tragédia ocorre no bairro: um menino com a idade de entre 5 à 7 anos aparece degolado em um estacionamento. A narradora que, até então, não demonstrava tanta empatia pelo seu vizinho criança, sofre com essa morte, pois tem a certeza de que o menino degolado era o menino sujo que havia levado para tomar sorvete dias atrás, já que o mesmo estava desaparecido. Tendo esta certeza em mente, a narradora decide falar com a polícia e contar o que sabe, porém, ao longo da trama, ela e sua amiga Lala decidem não comentar sobre nada. Só mais tarde a narradora é convidada a depor.

Em muitos momentos do conto, a narradora descreve a falta de empatia dela, uma mulher de classe média, moradora da melhor casa do bairro, quanto às pessoas em situação de rua, não só o menino, como na passagem: “Eu me dei conta, enquanto o menino sujo lambia os dedos lambuzados, do pouco que me importavam as pessoas, de como me pareciam naturais aquelas vidas desgraçadas.” Sua amiga Lala, por mais que seja também uma personagem marginalizada, é a única que possui nome dentro do conto. O menino e sua mãe são quase como duas paisagens vistas pela janela da personagem, sua relação com eles é impessoal, até que a tragédia acontece. Depois que a morte de um menino acontece no bairro, a personagem principal começa a se preocupar com o menino sujo, se pergunta o porquê de não ter cuidado mais dele, de não ter tentado tirá-lo daquele ambiente e de, no mínimo, ter lhe dado um banho. Inclusive, esse interesse pelo trágico fica bem explícito quando, em uma das páginas do conto, a narradora diz que as revistas, nas quais a notícia do menino morto estava estampada na capa, esgotaram em todo o bairro, mostrando mais uma vez que o ser humano se atrai por tragédias.

Com o passar dos dias, a narradora é convidada para depor e descobre que o menino morto, na verdade, se chama “Nachito” e não é a mesma criança que ela acreditava ser. Ainda assim, a polícia pergunta se a narradora conhece a história de Gauchito Gil e ela pergunta se eles acreditam que exista alguma relação entre o crime e a história do santo, porém, não respondem.

Enquanto a narradora voltava para casa, encontra a mãe do menino sujo. Não estava mais grávida e também não estava com o menino sujo por perto. Com sentimentos de medo e raiva, a narradora pergunta à jovem sobre seus filhos, quando a mesma responde: “Não tenho filhos!”. Elas brigam, até que a mãe do menino confessa que deu os seus filhos, tanto o menino sujo, quanto o que estava em sua barriga.

Assim, a narradora volta para casa, com a sensação de medo e esperando o menino sujo bater em sua porta novamente.

#### 4 Formas de fazer terror: O concreto *versus* o abstrato

Mariana Enriquez usa do cotidiano para criar uma atmosfera fantástica e macabra. A ambientação do conto, em um bairro cuja desigualdade social começa em suas primeiras linhas:

“(...) Também vive muita gente na rua. Não tanto quanto na praça do Congresso, a uns dois quilômetros da minha porta; ali, bem em frente aos edifícios legislativos, há um verdadeiro acampamento, laboriosamente ignorado mas ao mesmo tempo tão visível que, a cada noite, grupos de voluntários dão comida às pessoas, checam a saúde das crianças, distribuem mantas no inverno e água fresca no verão. Em *Constitución*, a população de rua fica mais abandonada, poucas vezes chega ajuda.” (ENRIQUEZ, 2016, p. 16)

Faz com que o medo não esteja somente interligado ao insólito ou ao sobrenatural, mas também à passagem cotidiana. Além disso, Mariana usa, para construir a atmosfera aterrorizante do conto, três elementos considerados sagrados para a sociedade moderna: a religião, a figura da criança e a maternidade.

Sobre o *horror*, H.P Lovecraft, em seu livro *O horror sobrenatural em Literatura* diz que “O apelo do macabro espectral é geralmente restrito porque exige do leitor um certo grau de imaginação e uma capacidade de distanciamento da vida cotidiana.” (LOVECRAFT, 2020, p.15), segundo o autor, o medo mais antigo e mais poderoso é o medo do desconhecido. Porém, Enriquez lança mão de aspectos cotidianos para atravessar o terror, ou seja, aspectos que conhecemos e que estão bem na nossa frente, mas costumam ser ignorados. No caso de *O Menino Sujo*, a situação de pobreza, o vício em drogas, a desigualdade social, a violência e, até o infanticídio são temas presentes no texto e que ajudam a criar uma atmosfera assombrosa em cima do enredo principal. Dessa forma, *Constitución* age como um “personagem fantasma”, pois é onde o *horror* cotidiano se faz presente e, além disso, sabemos mais sobre o bairro do que sabemos sobre a maioria dos personagens; *Constitución* foi, cito a narradora, “marcado pela fuga” e ainda abriga paisagens luxuosas, que estão abandonadas no momento do conto, assim, o bairro possui um passado e um presente, uma linha temporal que não acompanha todos os personagens. Um caso muito parecido com a personificação de *Constitución*, é *Gotham City*, cidade fictícia criada pela *DC Comics*, onde o famoso herói Batman mora e combate o crime e, assim como *Constitución*, *Gotham* é uma espécie de entidade, como é apresentado no artigo de Corley (2023) :

“*Gotham City is a character of contradictions, just like Batman. (...) This sets up its central struggle as a character over what its core identity is: is it really a good city bogged down by a few bad apples, or is it a bad place in desperate need of redemption?*” (CORLEY, Shaun. “*I’ve Been Half-Assing It*”: *X-Men’s Most Essential Hero Is Finally Done Holding Back*. *Screen Rant*. Publicado em: 20 jun. 2023.<https://screenrant.com/x-men-most-powerful-forge-krakoa-technology/>. Acesso em: 22 jun. 2023.)<sup>1</sup>

1

Tradução: “*Gotham City* é um personagem de contradições, assim como o Batman. (...) Isso estabelece sua luta central como um personagem sobre qual é a essência de sua identidade: É realmente uma boa cidade afundada por algumas maçãs podres ou é um lugar ruim com uma necessidade desesperadora de redenção?”

Dessa forma, Mariana usa o *horror* presente no bairro, para, ao contrário do que diz Lovecraft, trazer para perto paisagens cotidianas. Perto o suficiente para que seja possível ver o que há de mais horrível nelas.

Um exemplo desse medo presente no cotidiano se encontra nessa passagem:

“Há alguns códigos para que a gente possa se movimentar com tranquilidade nesse bairro, e eu os manejo perfeitamente, ainda que, claro, o imprevisível sempre possa acontecer. É questão de não ter medo, de contar com alguns amigos imprescindíveis, de cumprimentar os vizinhos mesmo que sejam delinquentes — especialmente se forem delinquentes —, de caminhar com a cabeça erguida, prestando atenção.

Gosto do bairro. Ninguém entende por quê. Eu, sim: faz com que me sinta certa e audaz, desperta.” (ENRIQUEZ, 2016, p. 15).

Pois apesar da narradora demonstrar não ter medo e saber conviver com as situações de violência e abandono do bairro, fica claro que a mesma não faz parte dessa realidade e, portanto, tem o medo inerente a si, quando sua amiga Lala diz:

“ — Que é que você sabe do que acontece de verdade por aqui, menina? Você mora aqui, mas é de outro mundo.

Lala tem um pouco de razão, embora me incomode escutar isso dessa maneira.

Incomoda que ela, tão sinceramente, me coloque no meu lugar, a mulher de classe média que se julga desafiadora porque decidiu morar no bairro mais perigoso de Buenos Aires.” (ENRIQUEZ, 2016, p. 18).

No entanto, o fato dessa ambientação significar algo para nós, leitores, enquanto estamos lendo o conto, faz parte de uma característica importante no que é considerado Literatura Gótica. Na obra *O medo como prazer estético: (re)leituras do gótico literário* (BARROS; FRANÇA; (ORGS), 2015), os escritores explicam qual é o propósito do espaço para a Literatura Gótica, sendo um elemento constantemente explorado e usado para causar medos e inquietações. Os autores explicam:

“(...) muito mais do que simplesmente ambientar o leitor, a categoria espacial nas narrativas góticas torna-se responsável também por suscitar nele uma sensação de insegurança que será vital para sua pretensão de causar medo” (BARROS et. al., 2015, p. 13-14)

Sendo assim, quando nos é apresentado o bairro de *Constitución*, tudo o que nos é suscetível é a sensação de insegurança que o bairro carrega, sendo que essa sensação piora quando um menino de outro bairro aparece morto de forma macabra. O medo e a insegurança assolam ainda mais *Constitución*:

“Custava-me caminhar pelo bairro com a segurança de antes do crime. O assassinato de Nachito havia exercido um efeito quase narcótico sobre aquela zona de Constitución. À noite não se escutava brigas, os traficantes tinham mudado para umas quadras mais ao sul (...)” (ENRIQUEZ, 2016, p. 29)

Nota-se, portanto, que desde o início a narradora se mostrava corajosa ao andar pelo bairro e ainda por ter escolhido aquele lugar para viver, porém, o medo e a insegurança fazem parte do panorama de *Constitución*, mesmo que nesse momento, a jovem narradora dizia ter alguma segurança ao andar no bairro anteriormente.

Além disso, não é só o bairro que produz um sentimento de terror e agonia no leitor. Elementos presentes nos personagens, como a própria sujeira do menino sujo, a casa da narradora sendo descrita com uma arquitetura gótica e o calor descrito diversas vezes de forma incômoda, são elementos que transformam a atmosfera em monstruosa e medonha, da mesma maneira em que a mãe do menino sujo é definida por Lala: “— Essa mulher é um monstro, menina” (ENRIQUEZ, 2016, p. 17).

A forma como Mariana faz uso do medo também é bastante estruturada e é trabalhada de maneira exponencial, começando com a personagem principal cheia de coragem para enfrentar os desafios de viver sozinha em um bairro violento, porém, como citado anteriormente, ela não fazia parte daquela realidade. Assim que a tragédia com a criança decapitada acontece, a narradora descreve: “Ficamos caladas. Tive medo. Havia traficantes assim na Constituição?” (ENRIQUEZ, 2016, p.26). E, algumas páginas depois, ela descreve um medo ainda maior: “Sim, estou com dificuldade para dormir, como todos. Estamos com muito medo.” (ENRIQUEZ, 2016, p. 30). Portanto, assim como a tensão e o ritmo do conto aumentam, o medo da personagem narradora também, assim como, possivelmente o medo do leitor.

Por fim, é notável a maneira como Mariana lança mão do terror como elementos insólitos e sobrenaturais, mas também com o cotidiano e o concreto. A morte natural de uma criança para fins sobrenaturais, o abandono de uma mãe para com o filho, a violência urbana, a intolerância religiosa e a desigualdade social, levando crianças para situações de rua. Assim, parece que no fim das contas, o concreto é mais assustador que o sobrenatural.

#### 4.1 A religião como artifício do terror

Outro aspecto muito comum na Literatura Gótica é a religião, principalmente religiões pagãs, ocultismo e outros ritos que podem nascer das mentes férteis de autores desse gênero. De qualquer forma, a religião é um dos temas centrais do conto, afinal, ao desenrolar da história, fica no ar a possibilidade da criança morta ter sido vítima de um ritual satânico e, quando a mãe do menino expressa: “Eu dei ele” (ENRIQUEZ, 2016, p. 30) fica também implícito o fato de que a mãe possa ter “dado” ambos os filhos (tanto o menino sujo, quanto aquele que estava em sua barriga) como oferenda para algum santo pagão ao para alguém disposto a fazer algo ruim com elas.

A religião é um artifício comumente usado para fazer terror, tanto na literatura, como em outras artes, sendo o cinema um bom e mais recorrente exemplo desse fato; filmes como *O exorcismo de Emily Rose* (2005) e os vários das franquias de Lorraine e Ed Warren, como *A Freira* (2018) e *Invocação do Mal* (2013) trabalham com a temática da religião, nesses dois casos, religiões cristãs, diferentemente do que vemos no conto. Isso acontece pelo que vimos em Lovecraft (2020), o desconhecido causa medo e, tudo que é sobrenatural é desconhecido, inclusive, a religião também abre brechas para autores usarem sua imaginação para a criação de enredos fantásticos. Porém, em *O Menino Sujo*, não há nada tão explícito quanto nos filmes citados anteriormente.

Um personagem chave que traz a religião para o conto é Lala. Ela é amiga da narradora-personagem, é uma mulher transsexual que se encontrava em situação de prostituição, até começar a trabalhar por conta própria como cabeleireira. Como uma espécie de entidade, dentre os principais, ela é a única personagem que tem o nome apresentado. É uma personagem mística, com sua fé bastante descrita e é ela quem traz à história a junção dos dois elementos de terror principais no conto: a violência urbana e a religião. Pois, de acordo com Lovecraft (2020):

“Uma certa atmosfera inexplicável e empolgante de pavor de forças externas desconhecidas precisa estar presente; e deve haver um indício, expresso com seriedade e dignidade condizentes com o tema, daquela mais terrível concepção do cérebro humano — uma suspensão ou derrota maligna e particular daquelas leis fixas da Natureza que são nossa única salvaguarda contra os assaltos do caos e dos demônios dos espaços insondáveis.” (LOVECRAFT, 2020, p. 18)

Essa atmosfera fomentada por forças externas desconhecidas é a religiosidade presente no conto. Mariana coloca em seu conto três entidades marginalizadas: Gauchito Gil, São Morte e Pomba Gira, entidade para a qual Lala é devota. Todos são santos não reconhecidos oficialmente pela Igreja Católica e marginalizados principalmente em suas respectivas regiões primárias, por conta, inclusive, de suas aparências. O preconceito com São Morte é narrado no conto:

“— O gaúcho é bom — disse ele. — Mas o outro, não.  
Afirmou isso em voz baixa, encarando as velas.  
— Que outro? — perguntei.  
— O esqueleto — respondeu. — Lá atrás há esqueletos.  
(...)  
— Mas não é um santo mal — falei ao menino sujo, que me encarou com olhos muito abertos, como se eu estivesse dizendo uma loucura. — É um santo que pode fazer o mal se alguém pedir, mas a maioria das pessoas não pede coisas feias: pede proteção” (ENRIQUEZ, 2016, p. 22)

Em outro momento, em uma espécie de devaneio, a narradora explicita a intolerância religiosa que paira sobre esses santos:

“Lala dizia que o bairro estava cheio de devotos de São Morte, todos os imigrantes paraguaios e o pessoal de Corrientes eram fiéis do santinho, mas isso não os tornava assassinos; ela era devota da Pombagira, que tem o aspecto de uma mulher-demônio, com chifres e tridente, e isso por acaso a tornava uma assassina satânica?

Claro que não.” (ENRIQUEZ, 2016, p. 29).

Portanto, Mariana passa o conto todo trabalhando o social de forma concreta, que, nesse caso, é a intolerância religiosa e o sobrenatural, que é o misticismo por trás desses santos pagãos, ambos elementos causam medo.

Esse entrelaçamento entre o concreto e o insólito acontece ainda mais ao longo do conto. Antes da morte do menino decapitado, o terror principal paira sobre *Constitución*, sua violência, sua desigualdade social e a falta de amparo governamental. Após o crime, os elementos de terror urbano se encontram, mais uma vez, com forças sobrenaturais quando o menino degolado parece ter sido vítima de um ritual satânico. “Nachito”, o menino morto, é descrito de forma explícita e mantém todos os moradores do bairro atônitos e aterrorizados:

“A informação era sucinta: no estacionamento desativado da rua Solís havia aparecido um menino morto. Degolado. Tinham colocado a cabeça ao lado do corpo. Às dez, sabia-se que a cabeça estava rapada até o osso e que não tinha sido encontrado cabelo na área. Também que as pálpebras haviam sido costuradas e a língua, mordida, não se sabia se pelo próprio menino morto ou — e isso fez Lala soltar um grito — pelos dentes de outra pessoa.” (ENRIQUEZ, 2016, p. 25).

Apesar da morte ser explicitada, seu motivo fica implícito. Por conta do acontecimento brutal não ser um crime comum e por todas as características narradas, os moradores e até Lala acreditam, sim, que haja alguma relação da morte do menino com oferenda aos santos pagãos. Afinal, assim como diz a lenda de Gauchito Gil, tanto o santo quanto “Nachito” morreram degolados. Essa falta de explicação quanto a causa da morte do menino, cria uma tensão no leitor, pois há dúvida entre o que pode ser real e o que pode ter vínculo com o sobrenatural. Em *O medo como prazer estético: (re)leituras do gótico literário* (2015), os autores usam como exemplo desse tipo de clímax criado pela dúvida trazida pelo misticismo, a obra *O Corvo* (1845) de Edgar Allan Poe, dizendo:

“Em *O Corvo* (1845), de Edgar Allan Poe, encontramos uma figura que é considerada mística em diversas crenças. O próprio corvo, um pássaro preto, que, em sua maioria, é considerado o mensageiro da morte. Encontramos, também, um personagem que se aparenta perturbado com os sons que ouve, que não se sabe se são reais ou não. Ao lidar com o desconhecido, o personagem, notavelmente, entra em desespero, imaginando que qualquer coisa negativa possa acontecer com ele. Para o leitor, o clímax traz a dúvida se o místico pode ser real ou não. O conflito entre o existente e o duvidoso coloca o leitor em desespero.” (BARROS et. al., 2015, p. 31)

Esse conflito, portanto, acaba levando a narradora ao desespero também. Ela fica com medo, não sabe o que pode acontecer com o menino sujo, pede para Lala ficar na casa dela por



alguns dias e, ao final do conto, isso também a leva à loucura. Em uma das noites em que a narradora voltava para casa, avistou a mãe do menino sujo e, vendo que a moça já não estava mais grávida nem estava mais com nenhum de seus filhos a narradora a questiona de forma desequilibrada, e começa a ameaçá-la para lhe dizer a verdade, gerando confronto físico. Nesse momento, a jovem narradora entra em fluxo de pensamentos em que se questiona a respeito de sua possível loucura:

“O que eu estava fazendo? Enforcando uma adolescente moribunda em frente à minha casa? Talvez minha mãe tivesse razão. Talvez eu precisasse me mudar. Talvez, como ela dissera, eu tivesse uma fixação pela casa porque me permitia viver isolada, porque ali ninguém me visitava, porque estava deprimida e inventava para mim mesma histórias românticas sobre um bairro que, na verdade, era uma merda, uma merda, uma merda. Foi isso o que minha mãe gritou e eu jurei não falar mais com ela, mas agora, com o pescoço da jovem viciada entre as mãos, pensei que minha mãe podia ter um pouco de razão.

Talvez eu não fosse a princesa no castelo, mas a louca encarcerada na torre.” (ENRIQUEZ, 2016, p. 33)

Portanto, ao lidar com o desconhecido, assim como o personagem de Poe, a narradora em questão vai ao seu limite, chegando à loucura e desorientação. Nesse sentido, mais uma vez o elemento sobrenatural citado por Lovecraft se estrutura no conto, trazendo o medo do desconhecido.

## 5 Crianças como artifício do terror

A definição de infância e criança se desenvolveu de diferentes formas ao longo dos séculos. A concepção de infância que temos hoje, no mundo moderno, se fomentou através do livro *Emílio*, de Rousseau (1762). Portanto, a noção de infância não é estritamente natural, mas sim, atrelada a definições e pensamentos filosóficos de cada época. Assim, Gagnebin J M em seu livro *Sete aulas sobre linguagem memória e história* (1997) disserta sobre duas linhas da filosofia que sumarizam a ideia de infância com o passar dos anos:

“A primeira, que nasce com Platão, atravessa a pedagogia cristã com Santo Agostinho, por exemplo, e chega até nós através do racionalismo cartesiano, nos diz que a infância é um mal necessário, uma condição próxima do estado animalesco e primitivo; que, como as crianças são seres privados de razão, elas devem ser corrigidas nas suas tendências selvagens, irrefletidas, egoístas, que ameçam a construção consensual da cidade humana graças à edificação racional (...).” ((GAGNEBIN, 1997, P.170))

Enquanto a primeira linha enxerga a criança como um ser primitivo e com ausência de razão, a segunda linha entende que a criança precisa de uma verdadeira educação, para que de forma natural cada criança possa desenvolver sua própria inteligência. E dessa forma, hoje, no século XXI, entende-se que há na criança essa tendência selvagem, como diz Gagnebin, porém, existe também essa pura inocência. Essa referência de crianças como ser de coração puro, quase divino, está presente em Bíblia (2008), em Mateus 19:14, por exemplo e será citado mais adiante, através do texto de Laurentino (2022).

Além disso, a infância não é caracterizada por uma idade específica, mas de acordo com Santos (1927) no Dicionário Latino-Português, entende-se que, etimologicamente, infância é ausência de fala (do latim *fari*: falar).

A infância tem estado presente na obra de Enriquez, inclusive na frase que abre o livro: “Quisera ser de novo uma menina, meio selvagem e durona, e livre”, frase de Emily Bronte em *O morro dos ventos uivantes* (1847). Em alguns contos do livro, Enriquez coloca crianças como personagens principais da história, como é o caso de *O Menino Sujo*. Sua realidade confronta todos os direitos básicos da criança, como direito ao estudo, à moradia, ao lazer e à saúde. O recurso usado por Mariana, escrevendo sobre um menino que estaria, levando em consideração a primeira linha de infância descrita por Gagnebin, em sua fase selvagem, leva os leitores a não ver o menino como uma criança, pois dentro dos padrões modernos, a criança se apresenta de forma alegre, inocente e sonhadora, diferentemente das crianças no conto de Enriquez. Assim como os leitores suplicam para que esse padrão de infância seja arranjado para o menino sujo, a narradora-personagem também se questiona a respeito de sua apresentação: “Queria que fosse um menino amável e encantador, não aquele menino áspero e sujo (...).” (ENRIQUEZ, 2016, p. 20). Mariana faz uso da criação de um personagem criança fora do padrão de criança representado na literatura, como artifício de terror, pois, por conta da inocência e falta de conhecimento de mundo, a criança é, majoritariamente, o ser que tem medo, porém, no conto, as crianças são

personagens que provocam medo. O menino sujo encara a realidade de sua sociedade de maneira destemida e “Nachito”, o menino degolado, é quem traz à tona a cena de *horror* grotesco do conto.

“Ignácio era diferente das crianças moradoras do bairro, pois, quando a narradora vai ao interrogatório e mostram-na uma foto do menino assassinado, ela o descreve: “(...) gordinho, com covinha e cabelo bem penteado. Jamais tinha visto um menino assim (e sorridente!) em Constituição.” (ENRIQUEZ, 2016, p. 30) .

Sendo assim, percebe-se que a infância em *Constitución* é deturpada, e por isso, mais tarde, descobre-se que a criança morta residia em outro bairro com sua família, fazendo com que ele então, seja descrito como uma criança aparentemente amada e contente, portanto, é uma representação que se aproxima com o que conhecemos de criança na literatura e na concepção moderna, em geral, de infância. Com isso, Mariana mais uma vez usa um elemento considerado sagrado, que nesse caso, é a criança, para fazer o terror acontecer.

No livro *Deixai vir a mim as criancinhas: A infância no espelho do terror* (2002), Lucas Laurentino escreve:

“Embora esse “mito da inocência” apareça como novidade da época moderna (...), a imagem da criança sempre foi, iconograficamente e textualmente, associada às imagens da inocência, da pureza, da ingenuidade. Em nossa civilização ocidental, tal associação se dá, pelo menos, desde os evangelhos (Mt, 19:14; Mc, 10:14; Lc, 18:16), quando Jesus diz para deixarem ir a ele as crianças e que só se entra no reino do céu quem é semelhante a elas.” (LAURENTINO, 2022, p. 13)

E, ainda sobre a criança, Laurentino escreve sobre Rousseau, dizendo que: “A criança é diferente porque ainda não foi corrompida pela sociedade” (LAURENTINO, 2022), porém, essa não é a realidade das crianças de *Constitución*, pois estas já foram corrompidas pela sociedade, mas isso não faz com que sejam os “vilões da história”. Analisando o menino sujo, por mais que o ideal de criança não seja atingido, diferente da representação de “Nachito”, o menino é só mais uma vítima da desigualdade e da violência no bairro. Deixando intrínseco até, ao final do conto, se o vizinho da narradora não seria ainda uma próxima vítima de violência, como aconteceu com Ignácio (ou “Nachito”), o menino que foi degolado. Assim, o menino sujo, apesar da infância fora dos padrões e longe dos direitos básicos da criança, ainda é uma criança com medo do abandono, como quando percebeu que sua mãe não estava e foi bater na porta de sua vizinha: “Tinha chorado, dava para notar pelos sulcos claros que as lágrimas haviam marcado em sua cara encardida” (ENRIQUEZ, 2016, p. 19) e medo do desconhecido, como no momento em que passam próximo aos santuários de Gauchito Gil e São Morte e o menino sujo disse:

“— O gaúcho é bom — disse ele. — Mas o outro, não.

Afirmou isso em voz baixa, encarando as velas.” (ENRIQUEZ, 2016, p. 21).

E, ainda assim, Mariana faz questão de deixar todos esses medos do menino implícitos, pode-se perceber o desconforto da criança nessa passagem, por exemplo, pelo tom de

voz baixo e o fato dele estar encarando as velas, como se não quisesse que alguém o ouvisse. Além disso, há um momento em que a própria narradora comenta sobre o fato do menino não assumir seu medo:

“— Você está com medo?”

— Estou com fome — respondeu. Com medo também, mas já estava suficientemente endurecido para não admitir isso diante de um estranho que, além do mais, tinha casa, uma casa linda e enorme, bem na frente da sua intempérie” (ENRIQUEZ, 2022, p. 19)

Assim, o menino criado por Mariana Enriquez, não só para dar nome ao conto, mas para abrir a coletânea de contos do livro *As coisas que perdemos no fogo* (2016), foi endurecido com o tempo e corrompido pela sociedade, se pensarmos no bom selvagem de Rousseau, mas, ainda é uma criança.

Por tanto, Enriquez usa a criança para fazer o terror do conto acontecer subvertendo as três concepções básicas de infância, também citadas por Laurentino: “a da pureza, a da inocência e a da esperança” e quando a escritora degola o menino gordinho, de cabelos penteados, sorridente e cuja mãe ama, ela está matando a esperança do conto. Assim, como trazido anteriormente, as crianças carregam o *horror* da história, seja nas cenas extremamente duras e descritivas sobre a morte de Ignácio ou nas cenas incômodas sobre a realidade do menino sujo. Além disso, trabalhar com a infância no terror nos faz questionar a respeito dessa pureza e isso nos aterroriza. Como diz, ainda, Laurentino:

“Assim, voltamos ao nosso ponto principal, o que procura ver como o horror, enquanto experiência com o desconhecido e modo de pensar o impensável, subverte a imagem cristalizada de infância e de criança e revela uma possibilidade que preferiríamos denegar ou ignorar: a de que a nossa visão de infância não passa de um véu que oculta algo absolutamente estranho a nós, com o qual já tivemos contato mas que, de algum modo, nos é externo.” (LAURENTINO, 2022, p. 20)

Portanto, essa infância não só é deturpada para a narradora, mas também é trazido à luz algo que não queremos ver, uma infância para algo além da cristalização, mas com uma realidade dura e que, na maioria das vezes, escolhemos não enxergar porque nos é doloroso.

## 6 A maternidade como artifício o terror

Uma outra personagem que ganha destaque na história é a mãe do menino sujo, mais uma vez uma personagem sem nome e sem tanta descrição. A mãe do menino é uma jovem, mais tarde descrita como adolescente, dependente de drogas, que vive em situação de rua com seu filho, o menino sujo e está grávida durante boa parte do conto. Em uma das primeiras cenas, a personagem narradora descreve o descaso da jovem para com seus filhos e sua gravidez:

“Não gosto da mãe. Não só por sua irresponsabilidade, ou porque fuma crack e a cinza queima a barriga de grávida, ou porque eu jamais a tenha visto tratar com amabilidade seu filho, o menino sujo. Há algo mais que não me agrada” (p. 17, ENRIQUEZ, 2016)

A maternidade sempre foi vista como algo sagrado. Maria, mãe de Jesus Cristo, é um exemplo de uma figura de extrema relevância para a fomentação do estereótipo de maternidade sagrada, sendo ligada a uma imagem de pureza e cuidado. Assim, então, esse estereótipo é quebrado através da escrita de Enriquez, que nos apresenta uma mãe irresponsável, que não apresenta amabilidade para com seu filho e que é, inclusive, chamada de “monstro” pela personagem Lala.

De acordo com Mariana Sbaraini Cordeiro, no artigo *Mãe - A invenção da história*:

A mãe, a partir da gestação, passou a se ver e ser vista como um ser duplo, a mulher e a mãe. Esse total desprendimento foi muito difundido e acabou sendo revestido por uma aura de sacralidade que perpetuou o mito do amor materno, isto é, que a partir do nascimento da criança, a mãe se devota totalmente a ela e se negará para sempre como sujeito. Isso mostrou ao longo da formação da sociedade, sobretudo a capitalista, que ser mãe seria instintivo, inerente a todo ser feminino e que só estaria completo se, culturalmente imposto a ele, o ciclo se fechasse: crescer, casar, ser mãe e morrer. (CORDEIRO, 2013. p. 2)

O mito do amor materno e o ideal de maternidade ocidental perdura desde o século XIX, durante o iluminismo, até os dias atuais. O ideal de que toda mulher nasce para ser mãe, além de todas as associações sagradas que foram sendo incorporadas ao longo do tempo: do amor devoto, da submissão, do sacrifício e de negar a si mesma. Sendo essa imagem deturpada pela autora, quando nos apresenta uma mãe que não abdica de suas vontades pelos filhos, não é submissa e não é amorosa e cuidadosa com eles.

Então, a mãe do menino sujo e a narradora protagonizam a briga que inicia o ato final do conto e, assim como nas outras cenas em que interagiram, houve agressividade, onde mais uma vez elementos de uma natureza monstruosa, porém causada pelo abuso em drogas, foram descritos pela narradora:

“A mãe do menino sujo abriu a boca e me deu náuseas seu hálito de fome, doce e podre como uma fruta ao sol, misturado com o cheiro medicinal da droga e aquele

fedor de queimado; os viciados fedem a borracha queimada, a fábrica tóxica, a água contaminada, a morte química” (ENRIQUEZ, 2016, p. 33)

A narradora chega ao extremo quando começa a brigar com a adolescente, perguntando sobre seus filhos por conta do terrível assassinato que ocorreu no bairro. A mãe, no entanto, revela que deu suas duas crianças: o menino sujo, protagonista do conto, e a criança que estava em seu ventre.

“Mas quando chegou na metade da quadra, justo onde a luz principal a iluminava, deu meia-volta. Ria, e a luz evidenciava que suas gengivas sangravam.

— Eu dei ele! — gritou.

O grito foi para mim, ela me olhava nos olhos, com aquele horrendo reconhecimento. E depois acariciou o ventre vazio com as duas mãos e disse, bem claro e alto:

— E este eu também dei. Prometi os dois.” (ENRIQUEZ, 2016, p. 34)

Nesse momento, ocorre então, a maior ruptura da maternidade etérea: o abandono. Nessa passagem do conto, a mãe do menino sujo confessa ter “dado” ele e seu irmão, que ainda estava no ventre da jovem. Assim, a quebra dos valores ideais e sacramentados de maternidade acontece e se entrelaça com os elementos aterrorizantes do conto, afinal, a dúvida que permanece é a de a quem essas crianças haviam sido dadas? Às mesmas pessoas que cometeram o terrível assassinato contra “Nachito?” Havia sido entregues como oferendas aos santos pagãos? Por fim, Mariana consegue, então, trazer o desconhecido e o sobrenatural, se unindo ao que a sociedade ocidental entende como elemento sagrado e, assim, o transforma em *horror*.

Então, mais uma vez a autora lança mão de um elemento considerado sagrado e, dessa vez, não só para o cristianismo, visto que muitas religiões de matriz africana, o judaísmo e até mitologias antigas também entendem a figura da mãe interligada à espiritualidade. Assim como fez com os elementos da religião e da infância, a autora corrompe a ideia de mãe, escrevendo sobre uma personagem que contraria tudo o que a maternidade representa. Além disso, mais uma vez usa desse elemento e nos mostra a realidade do cotidiano da vida de muitas mulheres e crianças em situação de rua: o abandono, a falta de recursos básicos, a dependência em drogas e suas consequências no corpo da mulher. Misturando o insólito e o concreto, a autora constrói um *horror* psicológico que causa inquietação no leitor do início ao fim.

Além da quebra do estereótipo ideal e sagrado da maternidade, a autora apresenta a mãe do menino sujo sempre com muitos detalhes e elementos do *gore*, ela está sempre com as gengivas sangrando, com a aparência horrenda e assustadora. Sendo assim, não é só a personalidade da jovem que pode ser considerada um monstro por Lala e pela narradora, mas suas características físicas, deformadas pelo uso de drogas, também são monstruosas. Na cena em que o menino sujo e a narradora retornam de seu passeio noturno, a mãe do menino aborda a narradora com um som descrito como “um rugido”, que lembrava o som que a cachorra da narradora fez quando quebrou o quadril. Em seguida, a aparência da mãe é descrita pela narradora: “Estava tão perto que eu via

cada um de seus dentes, as gengivas que sangravam, os lábios queimados pelo cachimbo, o bafo de alcatrão.” (ENRIQUEZ, 2016, p. 23).

Assim, durante todo o conto, a mãe do menino sujo é descrita, tanto quanto sua personalidade, quanto sua aparência, como um oposto de tudo que seria esse ideal maternal. Assim como destruiu o ideal de infância (principalmente, quando “matou” Ignácio), a autora desconstrói a figura da mãe idealizada e, dessa forma, mostra a realidade do cotidiano urbano marginalizado.

## 7 Conclusões finais

O conto *O Menino Sujo* mostra, desde o começo, um traço muito característico na escrita de Mariana Enriquez que é a convergência de horrores concretos e horrores sobrenaturais, criando uma atmosfera de *horror* totalmente nova, mas não fugindo do que conhecemos bem na literatura hispano-americana, o insólito e a brincadeira com o imaginário do leitor.

No primeiro momento Mariana nos apresenta *Constitución* e, com ela, recebemos um panorama geral da realidade do bairro portenho. A desigualdade social, a violência e o descaso do governo são alguns problemas que os moradores do bairro enfrentam e que agora a narradora personagem também tem como realidade. *Constitución*, assim como *Gotham City*, é um “lugar-personagem”, pois se sabe mais sobre o bairro do que sobre a maioria dos personagens presentes na história. Dessa forma, *Constitución* nos ambienta ao *horror* cotidiano que irá perdurar ao longo do conto.

Além dos elementos do *horror* cotidiano e do bairro, a autora usa elementos considerados sagrados pela sociedade ocidental e os corrompe, trazendo uma inversão de valores que acaba por causar ainda mais estranhamento no leitor e, conseqüentemente, ganha espaço para fazer terror. O primeiro elemento analisado no trabalho foi a religião, um elemento muito explorado em gêneros de terror e góticos. Mariana escreve sobre sujeitos latino-americanos que são constantemente marginalizados, para trazer o tom insólito e sobrenatural para dentro da trama, assim, tudo passa a girar em torno desses sujeitos e o crime passa a ser entendido como prática de ritual satânico. Dessa forma, Enriquez usa a religião, o qual é um elemento sagrado, para fazer o *horror* do conto acontecer.

Outro elemento considerado sagrado e que acaba tendo seus valores subvertidos é a figura da criança e da infância. De modo geral, entende-se a criança como um ser alegre cheio de vida e de esperança. No conto, a infância não é representada com brincadeiras e ternura de mãe, mas sim, sem cor, séria e sem amor materno. O menino sujo é tudo aquilo que não queremos ver ou que ignoramos no dia a dia, é o menino de rua que não tem direito à infância e se torna uma pessoa destemida cedo demais. Dessa forma, Mariana lança mão da figura da criança, a deturpa e transforma em medo, pois em primeiro momento outra criança é vítima de um assassinato e fica implícito que a próxima vítima possa ser o menino sujo. Assim, o abandono, a infância perdida e o infanticídio são elementos concretos que se unem ao insólito, que é a morte brutal de Nachito.

Por fim, a maternidade é o último elemento que Mariana transforma em *horror* no seu conto. Elemento, este, que possui um ideal a ser seguido e com muitas representações sagradas ao longo da história, tendo como figura principal Maria, mãe de Jesus Cristo. Então, enquanto fora do conto tem-se um ideal de mãe, na história a representação da mãe é fisicamente medonha e tem como característica tudo o que é oposto a esse ideal: a falta de amor, de cuidado e a irresponsabilidade. Dessa forma, como elemento concreto que assola *Constitución*, temos a situação de rua, dependência de drogas e a gravidez na adolescência (levando em consideração que, ao final do conto, a narradora descreve a mãe do menino sujo como uma adolescente) e o



sobrenatural é o fato que fica implícito à quem ela deu seus filhos, deixando no ar se eles também seriam futuras vítimas do mesmo crime violento que norteou a narrativa.

Durante todo o conto Mariana faz os elementos combinarem entre si: o concreto e o sobrenatural. Assim, mostrando que o real pode ser ainda mais aterrorizante e doloroso que aquilo que não podemos ver. A maldade do ser humano, na verdade, pode ser o verdadeiro mal dentro de toda essa história, afinal, independente da causa da morte do menino Ignácio (ou “Nachito”), ele foi vítima de um ser humano, mesmo que esse tenha o feito em oferenda a alguma entidade. A verdadeira maldade e crueldade, como a mãe do menino sujo que “deu” ele e seu irmão, está na mão das pessoas e do concreto. No final, estamos todos à mercê dessa realidade.

## Referências

- BARROS, F. M. de; FRANÇA, J.; (ORGS), L. C. **O medo como prazer estético: (re)leituras do gótico literário**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2015.
- BÍBLIA, A. **Bíblia Sagrada**. [S.l.]: King Cross publicações, 2008.
- CORDEIRO, M. S. Mãe - A invenção da História. In: ANAIS ELETRÔNICOS, 2013, Florianópolis. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos)**. Florianópolis, 2013. p. 2 – 9.
- CORLEY, S. **“I’ve Been Half-Assing It”: X-Men’s Most Essential Hero Is Finally Done Holding Back**. 2023. Disponível em: <https://screenrant.com/x-men-most-powerful-forge-krakoa-technology/>. Acesso em: 22 de junho de 2023.
- ENRIQUEZ, M. **As coisas que perdemos no fogo**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.
- GAGNEBIN, J. M. **Sete Aulas Sobre Linguagem, Memória e História**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- LAURENTINO, L. **Deixai vir a mim as criancinhas: A infância no espelho do terror**. Rio de Janeiro: Desalinho, 2022.
- LOVECRAFT, H. **O horror sobrenatural em Literatura**. 2a. ed. São Paulo: Iluminuras, 2020. 120 p.
- ROUSSEAU, J. J. **Emílio, ou Da Educação**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1762.
- SANTOS, F. R. dos. **Dicionário Latino-Português**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1927.